

---

## CAPITALISMO MANIPULATÓRIO NA ERA DAS REDES SOCIAIS: ENTRE O DISCURSO DE LIBERDADE E A HIPERVIGILÂNCIA

Brunna Cristhianini Ferreira; Luiz Eduardo Daldegan Camargo; Thiago Mateus Falda; Matheus Fernandes de Castro.

brunna.ferreira@unesp.br

*Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Sociedade, Unesp Assis, CAPES.*

### **Introdução**

O capitalismo, desde sua origem, desenvolve mecanismos mais sofisticados de controle e manipulação dos trabalhadores, fundamentais para a dinâmica de exploração e valorização do capital. Com o avanço técnico e a reestruturação do trabalho, tais estratégias extrapolam o espaço da produção e passam a incidir diretamente sobre a vida cotidiana. Nesse contexto, o ideal de liberdade é apropriado pelo capital e ressignificado à luz do discurso neoliberal, convertendo-se em mais um instrumento de manutenção do poder. A expansão das plataformas digitais e das redes sociais intensifica essa lógica, promovendo formas de controle mais difusas, contínuas e imersivas, que operam sobre os comportamentos, afetos e percepções dos sujeitos. Para compreender essas transformações é preciso analisar o conceito de liberdade e de suas implicações na constituição da sociabilidade contemporânea, marcada por novas formas de estranhamento e por processos de subjetivação subordinados à lógica de acumulação do capital em sua fase digital e manipulatória.

A liberdade ocupa lugar estratégico no imaginário político moderno, servindo como valor normativo e articulador de diferentes projetos sociais. No neoliberalismo, ganha centralidade como justificativa para a desregulamentação econômica, a retração do Estado e a responsabilização individual. Essa forma de gestão incita à liberdade entendida como escolha e autogestão, convertendo-a em imperativo moral e instrumento de sujeição. Diante disso, torna-se necessário retomar criticamente os fundamentos e implicações históricas desse conceito no contexto neoliberal, mas também apresentar uma visão contrária ao pensamento liberal e neoliberal sobre liberdade (Safatle et al., 2021).

Entre as formulações contemporâneas sobre o tema é muito comum observarmos a proposta ideológica destacada acima. Para ilustrar este fenômeno, destacamos a teoria de Isaiah Berlin (2002), que distingue dois sentidos de liberdade: a liberdade de, como ausência de impedimentos, e a liberdade para, como possibilidade de realizar fins próprios. Embora

reconheça ambos, Berlin valoriza a primeira, por considerar que só ela protege a autonomia individual contra interferências externas. Essa ênfase, no entanto, acaba limitando o conceito de liberdade ao plano individual, desconsiderando as condições sociais e materiais que influenciam a capacidade de escolha dos sujeitos. Ainda que sua formulação não seja propriamente neoliberal, a defesa da liberdade como não interferência servirá como base conceitual para justificar uma sociedade centrada na livre iniciativa e na mínima atuação estatal.

Em direção oposta às abordagens liberais e buscando explicitar sua manipulação ideológica, Lukács compreende a liberdade como resultado histórico da práxis humana. Enraizada na ontologia do ser social, sua concepção articula liberdade e necessidade, entendendo que o agir livre só é possível quando o sujeito conhece as determinações que o afetam e é capaz de intervir nelas. A liberdade, portanto, não é um dado anterior à vida em sociedade, mas uma conquista ligada ao trabalho e à mediação consciente com a realidade. Ao vincular a autonomia às condições concretas de existência, Lukács oferece uma crítica à abstração individualista das teorias liberais e recupera a dimensão coletiva e transformadora da liberdade (Lukács, 1965-1966, 2013). É nesse sentido que se articula o nosso objetivo, ou seja, compreender a liberdade humana em uma sociabilidade neoliberal, onde a vida ocorre, imbricadamente, de forma on e offline.

### **Objetivo**

Compreender como o capitalismo manipulatório opera na era digital, tendo as redes sociais como mecanismos de vigilância e dispositivos mediadores da subjetividade, sob o discurso de liberdade promovido pelo neoliberalismo.

### **Método**

A pesquisa caracteriza-se como teórica e qualitativa. Adota-se o procedimento de revisão bibliográfica de caráter problematizador, com ênfase na análise conceitual dos textos selecionados. Esse tipo de investigação não se limita à sistematização do conhecimento existente, mas opera como instrumento de construção conceitual e de problematização dos fundamentos ideológicos presentes nas teorias analisadas (Laurenti; Lopes, 2016). A investigação adota como principal referência metodológica o Procedimento de Interpretação Conceitual de Texto, voltado à explicitação da estrutura interna dos conceitos e à reconstrução crítica das posições teóricas em jogo. Serão mobilizados referenciais do campo marxista, em que se encontra a teoria lukacsiana, que analisa o neoliberalismo.

---

## Resultados e Discussão

Lukács atribui o caráter manipulatório da forma social capitalista do século XX ao aparato tecnológico-organizacional voltado à constituição de uma cultura orientada para o consumo das mercadorias produzidas pela grande indústria. Construiu-se, nesse contexto, um aparato publicitário cuja função excedia a simples difusão de informações sobre os produtos; tratava-se, na verdade, de um mecanismo de controle da consciência (Kofler et al., 1969). Recuperando o conceito marxiano de fetichismo da mercadoria - processo pelo qual se oculta a complexidade produtiva e a centralidade do trabalho na organização social, naturalizando a ordem vigente -, o filósofo húngaro observa que a inserção das mercadorias no cotidiano, por meio do consumo de massas, intensificou esse processo, elevando-o a um novo patamar.

Diante da imediatividade da experiência cotidiana (Heller, 2021; Netto, Carvalho, 2021), os sujeitos naturalizam, de forma ainda mais intensa, as determinações históricas do modo de produção capitalista, contribuindo para a reprodução e legitimação da sociabilidade vigente. Lukács insere tal dinâmica no contexto histórico dos Estados keynesianos caracterizados pela hegemonia da mais-valia relativa (Kofler et. al, 1969). Nesse cenário, parcelas significativas da população passaram a usufruir de tempo livre e de condições materiais para o consumo, o que deslocou o consumo de mercadorias para o centro da vida cotidiana. Contudo, esse consumo não se vinculava estritamente à satisfação de necessidades objetivas, convertendo-se em consumismo - isto é, um consumo estranhado, cujo fim reside no próprio ato de consumir (Alves, 2022).

O capitalismo manipulatório se efetiva por meio de um duplo movimento: por um lado, o desenvolvimento das forças produtivas que permite a transição da exploração via mais-valia absoluta para a mais-valia relativa, ampliando tanto a produtividade quanto às possibilidades de consumo da classe trabalho; por outro, a constituição de um aparato ideológico voltado à manipulação dos desejos dos sujeitos, promovendo o consumo de bens supérfluos sob a aparência de necessidades (Coutinho, 1972). Trata-se de uma nova forma de estranhamento, que se desloca do interior do processo produtivo para o conjunto da vida social. Tendo em vista o estranhamento enquanto a perda da relação consciente e prática entre o sujeito e sua objetividade social historicamente constituída, tal movimento impede a autodeterminação e consolida a reificação das relações sociais. Se, sob a hegemonia da mais-valia absoluta, o estranhamento se associava predominantemente à desumanização das condições laborais, sob a vigência da mais-valia

---

relativa ele se dissemina por todas as esferas do cotidiano, culminando em uma forma de estranhamento generalizado.

Embora a análise lukacsiana ofereça importantes contribuições para a compreensão da manipulação exercida pelo capital, torna-se necessário atualizá-la diante das transformações históricas recentes. As condições analisadas por Lukács no contexto europeu do pós-guerra não foram universalmente experienciadas, especialmente nos países periféricos do sistema capitalista, onde a mais-valia relativa jamais se tornou plenamente hegemônica. Ademais, o processo de reestruturação produtiva do capital articulado ao avanço do neoliberalismo implicou um aprofundamento das formas de subordinação do trabalho à lógica do capital, inclusive nos países centrais, onde observaram-se transformações significativas no mundo do trabalho. Nesse novo contexto, o aparato tecnológico de manipulação assume contornos ainda mais sofisticados, impulsionado pelo avanço das tecnologias informacionais. O *smartphone*, enquanto tecnologia embarcada (Alves, 2011), desempenha papel central no cotidiano dos sujeitos. As redes sociais se configuram como espaços privilegiados de pedagogia da mercadoria (Alves, 2015), verdadeiros shoppings centers digitais nos quais uma vasta gama de bens é continuamente exposta, promovida e comercializada (Faustino; Lippold, 2023). Trata-se de uma sociabilidade orientada pela lógica do consumo, em que a manipulação descrita por Lukács adquire uma dimensão digitalizada e ubíqua.

O aparato tecnológico manipulatório se insere também nas formas mais precarizadas de atividade laboral. Vivencia-se uma sociabilidade marcada pela coexistência entre alta sofisticação tecnológica e formas brutais de exploração - uma realidade low life, high-tech (Faustino; Lippold, 2023), na qual tecnologias de ponta operam associadas a vidas precarizadas. A uberização do trabalho exemplifica esse cenário: o entregador de aplicativo, submetido à lógica da mais-valia absoluta, executa sua atividade laboral mediada por um sistema algorítmico altamente desenvolvido, operado a partir de seu dispositivo móvel.

No neoliberalismo, a manipulação se apresenta disfarçada de liberdade, sobretudo na figura do sujeito-empendedor. A promessa de autonomia e autogestão encobre a intensificação do controle, deslocando para o indivíduo a responsabilidade por seu sucesso ou fracasso. Essa lógica molda a subjetividade, convertendo a liberdade em instrumento de manutenção da própria racionalidade neoliberal.

## **Conclusão**

---

O capitalismo em sua fase digital aprofunda o processo de estranhamento social ao encontrar na internet e nas plataformas digitais meios privilegiados para intensificar seu caráter manipulatório. A forma mercantil, que antes se expressava sobretudo no consumo, adentra o tecido das redes digitais, promovendo novas e mais profundas formas de captura da subjetividade. Fundamentado na lógica algorítmica e nos fluxos contínuos de dados, esse novo arranjo do capital revela uma tendência de manipulação deliberada da cognição humana por grandes corporações, que se utilizam dessas tecnologias como meio de ampliar os mecanismos de acumulação (Faustino; Lippold, 2023). As plataformas digitais, apresentadas como ferramentas neutras de interação social, funcionam como dispositivos ideológicos que ocultam uma complexa infraestrutura técnico-empresarial voltada à extração sistemática de valor a partir da vida cotidiana. Trata-se da ascensão de um novo regime econômico baseado na captura de dados pessoais e na produção de excedente comportamental para alimentar mercados preditivos (Zuboff, 2021). Assim, a sociabilidade passa a ser mediada por tecnologias que orientam, monitoram e rentabilizam a experiência humana, instaurando formas de vigilância contínua e engendrando novas formas de estranhamento a partir da mediação maquinica das relações sociais, o que representa, nos termos de Lukács (2013), a potencialização do conflito entre o desenvolvimento das potencialidades humanas pelas forças produtivas e o esfrelamento da personalidade humana; um processo de reificação digital.

A análise do capitalismo manipulatório à luz da ontologia lukacsiana permite compreender que, embora a manipulação atual atue com novos meios – digitais, algorítmicos e imersivos –, ela se inscreve em um processo histórico mais amplo de estranhamento do ser social. A manipulação nas plataformas digitais não é apenas um problema técnico ou ético, mas ontológico: ela impede que o ser humano se reconheça como ser genérico, historicamente constituído e capaz de agir conscientemente sobre o mundo. A liberdade, ao ser esvaziada de seu conteúdo material, perde sua dimensão emancipadora e crítica. Contudo, a própria estrutura da realidade social permanece contraditória, é a partir dessa contradição que é possível atualizar a práxis transformadora. Superar o capitalismo manipulatório exige mais do que resistência individual; exige a construção coletiva de uma nova forma de vida, fundada na ética da generidade, na crítica à reificação e na recusa ativa às formas de dominação que mascaram a liberdade sob a lógica da personalização algorítmica e da autonomia falseada.

---

## Referências

- ALVES, Giovanni. **Trabalho e subjetividade**: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.
- ALVES, Giovanni. **Precarização do trabalho e estranhamento na era do capitalismo manipulatório**: a atualidade de Lukács e o século XXI. Revista Novos Rumos, Marília, SP, v. 52, n. 2, dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/8485>. DOI: 10.36311/0102-5864.2015.v52n2.8485. Acesso em: 7 jun. 2024.
- ALVES, Giovanni. **O triunfo da manipulação**: Lukács e o século XXI. Marília: Projeto Editorial Práxis, 2022. 94 p. ISBN 978-65-84545-04-5.
- BERLIN, Isaiah. **Dois conceitos de liberdade**. In: BERLIN, Isaiah. Liberdade. Tradução de Pedro Elói Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 226-252.
- COUTINHO, Carlos Nelson. **O estruturalismo e a miséria da razão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972. 224 p.
- FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. **Colonialismo digital**: por uma crítica hacker-fanoniana. São Paulo: Boitempo, 2023.
- FRIEDMAN, Milton. **Capitalismo e liberdade**. Tradução de Paulo Figueiredo. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021. 176 p. ISBN 978-85-7753-055-7.
- KOFLER, Leo; ABENDROTH, Wolfgang; HOLZ, Hans Heinz. **Conversando com Lukács**. Tradução de Gisieh Vianna Konder. São Paulo: Paz e Terra, 1969. 218 p.
- LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social**: II. Tradução de Nélio Schneider, Ivo Tonet e Ronaldo Vielmi Fortes. São Paulo: Boitempo, 2013.
- LUKÁCS, György. **Bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem**. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Ciências Humanas, 1965-1966.
- NETTO, José Paulo; CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. **Cotidiano**: conhecimento e crítica. 10. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2012. 96 p. ISBN 978-85-249-1902-2.
- SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Tradução de George Schlesinger. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.